

O PENSAMENTO FILOSÓFICO MEDIEVAL DE PEDRO ABELARDO: EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

RODRÍGUEZ, Margarita Victoria
Universidade Católica Dom Bosco

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir os princípios educativos e filosóficos de Pedro Abelardo no contexto da educação cristã na baixa Idade Média, especificamente no período do florescimento da escolástica, e a lutas travadas pelo monge-educador em defesa de uma filosofia baseada no pensamento racional.

PALAVRAS CHAVE: Pedro Abelardo. Docência. Filosofia Medieval.

ABSTRACT: This article aims to discuss the educational and philosophical principles of Peter Abelard in the context of Christian education in low Middle Ages, especially during the flowering of scholastic, and the struggles waged by the monk-educator in defense of a philosophy based on rational thought.

KEYWORDS: Peter Abelard. Teaching. Medieval Philosophy.

A partir do século XI, durante a Baixa Idade Média, o Ocidente experimentou transformações que originaram novas estruturas econômicas culturais, políticas e sociais. Este período foi marcado por intensas mudanças, tanto no âmbito da educação como da cultura. O processo de urbanização intensificou-se e com isto novas demandas sociais emergiram e modificaram a estrutura do modo de produção feudal¹.

Cambi (1999, p. 171) se refere à Baixa Idade Média da seguinte forma:

Estamos diante de uma retomada de iniciativa da história ocidental que se delinea em torno da nova realidade da Europa: o desenvolvimento econômico, o incremento técnico, a afirmação de uma nova classe social – a burguesia –, o impulso do pensamento, a dissensão política e uma sociedade mais dinâmica e mais móvel; são fatores que vêm definir uma época nova. [...] Antes de tudo, estamos agora longe dos limites da sociedade feudal, fechada e bloqueada, agrícola e sem intercâmbios; estamos longe daquela sociedade de ordens (trinitária, como foi chamada, e hierarquizada) e dentro de um mundo que se torna cada vez mais conflitual e complexo, cada vez mais articulado e plural, que vê o crescimento de protagonistas e tensões (no nível político: o papado, o Império, as comunas, os estados nacionais).

Na educação, verificou-se o surgimento de instituições educativas mantidas pela Igreja, que assumiram a educação da população laica, tais como as escolas catedrais, universidades, entre outras. Desde o século VI, os mosteiros das diferentes ordens religiosas – a ordem beneditina foi a mais importante – eram responsáveis de cuidar da cultura e da educação. Segundo Luzuriaga (1963), inicialmente os mosteiros não tinham como objetivo a formação

¹ Não existe consenso em relação à periodização da época feudal. Duby (1988, p. 179) considera que o período feudal se iniciou "nos decênios que enquadram o ano mil" e explica que se trata de "uma simples revelação de um movimento de amplitude muito grande, cujo curso foi precipitado pelas invasões dos séculos IX e X, mas que, dissimulada, havia se iniciado desde a época carolíngia". Marc Bloch (1979, p. 98) situa o feudalismo entre o século IX e o século XIII, e assinala que no Norte da Itália se observa que as relações sociais se diferenciaram do resto da Europa, evidenciado precocemente o surgimento de novas dinâmicas econômicas, políticas e sociais diferenciadas. Hobsbawm (1977, p.11) considera que entre 1450 e 1650 teve lugar a fase de transição que dará lugar à ruptura entre a base e a superestrutura da sociedade feudal. O autor salienta ainda que na Inglaterra, durante o século XVII se evidencia o primeiro momento do surgimento da sociedade burguesa e as relações de produção capitalistas. Entretanto para Jacques Le Goff (1984, p.11) o período feudal é muito mais abrangente "este longo equilíbrio do modo de produção feudal dominado pela ideologia cristã, que se alonga do fim da Antiguidade clássica até a Revolução Industrial, não sem crises nem inovações".

intelectual, privilegiavam os aspectos morais e espirituais. Mas, com as transformações sociais esta situação mudou:

Mas o florescimento geral da vida social também os mosteiros se renovaram e se renovam as *Regulae*, repondo o problema da instrução dos monges e, especialmente, dos oblatos. Temos, de fato, vários testemunhos de mosteiros, como o de Montecassino no século XI, onde às vezes se prescreve que “todos os monges aprendam as letras” (MANACORDA, 1989, p. 140).

Após o ano 1000, a Europa sofreu profundas mudanças como consequência da interrupção dos ataques bárbaros, reabriu o tráfego no Mediterrâneo e reconciliou o poder papal e imperial, transferindo o império aos germanos. Também surgiram novos centros urbanos, com grande desenvolvimento da cultura e da educação, especialmente na Itália. Manacorda (1989, p. 143) afirma que a Igreja tinha o controle da educação:

A crise do império carolíngio levava a uma nova situação: a fonte, agora imperial, do direito escolar passara de fato à Igreja, como também passa para ela o controle político, anteriormente do império, sobre as escolas eclesiásticas. Além disso, a Igreja foi abrindo suas escolas episcopais e paroquiais também aos leigos, dando-lhes ao mesmo tempo instrução religiosa e literária. Criou-se, em suma, um monopólio eclesiástico da instrução [...].

Em 1079, o Papa Gregório VII reconfirmou aos bispos a obrigação de ensinar as artes liberais² nas escolas das igrejas. Os mosteiros renovavam seus ensinamentos, porém buscavam não confundir os ensinamentos religiosos com as ciências naturais e mundanas.

Deste modo, um novo tipo de educação eclesiástica foi implementada, especialmente nas *escolas das catedrais*, que tinham como objetivo a formação de clérigos. Estas escolas deram origem às universidades³, instituições que enfrentaram uma longa luta para conquistar sua autonomia em relação à intromissão das autoridades. Segundo Cambi (1999, p. 183), “Foi pela evolução das escolas catedrais, que ‘começaram a assumir um caráter mais corporativo e no giro relativamente de um século evoluíram para o novo instituto de universidade [...]”.

La universidad de París se deriva de las escuelas de Notre-Dame, de Santa Genoveva y de la Abadía de San Victor. Ya antes de fines del siglo XII los maestros de esas escuelas estavam organizados en una corporación. Maestros gremiales –entre los que destaca Abelardo contribuyeron a dar forma a la escuela parisina y prepararon la constitución de la Universidad (ABBAGNANO; VISALDERGHI, 2001, p. 154).

Um dos mestres que contribuiu com a fama das escolas de Paris, foi Abelardo, que colaborou para a implementação do *studium generale*. Por volta de 1150, se instalou o curso referente às artes liberais (*trivium*), depois foi criado o curso de teologia, de direito, e de medicina, constituindo assim, o nível superior de ensino (CAMBI, 1999, 183).

Abelardo: dialética e método pedagógico

Durante a Idade Média, grande parte da sociedade era analfabeta. Os conhecimentos privilegiavam as idéias tradicionais e a fé católica que eram transmitidos por meios orais e visuais, sendo as ordens religiosas responsáveis por este processo de divulgação cultural e educacional. Depois do ano mil, pregadores religiosos (franciscanos e dominicanos) propagavam mensagens religiosas, numa linguagem simples, para o povo. Entretanto, as elites

² O currículo das escolas na Idade Média estava organizado pelas chamadas artes liberais, divididas em *trivium* - gramática, retórica, dialética - e *quadrivium* - aritmética, geometria, astronomia, música. Ou seja, o ensino se constituía pelas matérias humanistas e realistas, além do estudo dos Evangelhos ou teologia.

³ A Universidade de Paris não existia como uma instituição organizada academicamente, só adquiriu o *status* de universidade depois da morte de Abelardo, aproximadamente em 1170-, esta instituição foi uma das mais importantes do período.

em geral eram alfabetizadas, seja no âmbito da igreja-convento, ou no castelo- palácios. Contavam com instituições e agentes educativos especializados que cuidavam da educação. Os conhecimentos, tanto da cultura religiosa como da cultura laica, eram transmitidos mediante médios escritos, e privilegiam-se os valores e modelos cristãos, embora a oralidade também fosse uma metodologia utilizada para discutir os textos escritos.

Conforme Luzuriaga (1963, p. 89), na Idade Média, destacaram-se vários educadores, porém não foi um período no qual emergiram teóricos da educação:

Na Idade Média não houve grandes teóricos da educação. Em compensação, houve muitos educadores, geralmente monges e eclesiásticos, alguns dos quais escreveram sobre educação. Distinguem-se dois grandes grupos: um constituído pelos autores de enciclopédias pedagógicas, nos primeiros séculos medievais; outro, pelos filósofos da Escolástica, na segunda parte da Idade Média. Aqueles conservaram em parte o ensino clássico, com obras sobre as artes liberais, estes sistematizaram as idéias filosóficas do cristianismo.

O autor destaca entre os pedagogistas Santo Anselmo (1033-1109), Abelardo (1079-1142), Alberto Magno (1193-1280), entre outros. Este movimento de educadores atuou num contexto histórico em que a Igreja detinha a hegemonia cultural, política e econômica, com predominância das idéias filosóficas influenciadas pela escolástica. A filosofia cristã conhecida como escolástica, desenvolveu-se desde o início do século IX até fim do século XVI, ou seja, até o fim da Idade Média. O nome de escolástica faz referência à filosofia ensinada nas escolas da época pelos mestres que eram chamados de escolásticos. Abbagnano (2000, p. 344) explica que:

Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de *scholasticus* o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade. Portanto, E. significa filosofia da escola. Como as formas de ensino medieval eram duas (*lectio*, que consistia no comentário de um texto, e *disputatio*, que consistia no exame de um problema através da discussão dos argumentos favoráveis e contrários), na E. a atividade literária assumiu predominantemente a forma de *Comentários* ou de coletâneas de questões.

A *escolástica* surgiu do especial desenvolvimento da dialética. Os intelectuais da época debatiam a respeito da dialética e a metafísica e Abelardo foi uns dos filósofos que desenvolveu os princípios da dialética. Considerava como todos os filósofos anteriores ao Século XIII que a pesquisa filosófica se focava na discussão e elucidação dos problemas destacados nos tratados de Aristóteles e os posteriores comentários de autores como Porfírio e Boécio. No livro, *Lógica para principiantes*, Abelardo (1973, p. 207) afirmava que:

Para aqueles dentre nós que se iniciam no estudo da lógica digamos algumas palavras sobre as suas propriedades, e comecemos por tratar do gênero a que ela pertence, ou seja, a filosofia. Boécio não denomina qualquer ciência filosófica, mas só aquele que consiste no estudo das coisas mais elevadas. De fato não damos o nome de filósofos a quaisquer estudiosos, mas apenas aos sábios cuja inteligência se aprofunda nas considerações das questões sutis. Boécio distingue três espécies de filosofia, isto é, a *especulativa*, que investiga a natureza das coisas; a *moral*, que considera a questão da vida honesta; e a *racional*, denominada lógica pelos gregos e que trata da argumentação.

Abelardo humanizou as relações escolares e expôs seus sentimentos e fraquezas tanto na suas obras como nos ensinamentos. Cambi (1999, p. 187) afirma que:

Abelardo, já a partir de sua obra autobiografia (*Historia calamitatum mearum*), em que narra o atormentado amor por Heloísa, põe em destaque uma nova identidade humana, mais individual, mais racional, mais livre, que se propõe também como modelo formativo. Assim, no *Epistolário*, retornam o Abelardo professor e o Abelardo-homem, carregados de

dúvidas, de paixões, estimulados por um desejo de busca que põe a razão (a dialética) como instrumento-chave de uma formação propriamente humana.

Uma das contribuições filosóficas de Abelardo foi seu método, marcando uma pedagogia própria no contexto medieval. Este método que, posteriormente foi retomado e aprofundado por Santo Tomás de Aquino, consistia em colocar o estudante em situações nas que se apresentavam questões com seus prós e contras. Assim, baseando-se no princípio da verdade, mediante uma discussão dialética de argumentos aparentemente contraditórios, ou seja, perante um mesmo problema, confrontavam-se soluções opostas, para posteriormente discuti-las e resolvê-las, refutando opiniões adversas. O mestre aplicava este método racionalista para refletir sobre as questões teológicas o que lhe causou muitos problemas entre os membros da igreja.

No âmbito das *scholae*, serão Pedro Abelardo (1079-1142) e Hugo de Saint-Victor, ambos parisienses e contemporâneos, que delinearão um primeiro quadro inovador dos processos educativos. [...] Com o já lembrado *Sic et nom*, Abelardo, porém consigna à Escolástica o método de estudo e de estudo racional –articulado sobre a dialética– dos vários assuntos (CAMBI, 1999, p. 187).

O problema dos Universais ocupava os filósofos escolásticos dialéticos e foi o centro das discussões filosóficas. Abelardo atacou cruamente a postura de Roselino⁴ e foi intransigente com o realismo de Guilherme Champeaux (1070-1121) porque não concordava com a concepção filosófica destes mestres. A solução de Abelardo aos problemas dos universais baseava-se na função do conceito que é significar as coisas. Aceitavam então a idéia de Aristóteles “o universal é nascido para ser predicado de muitas coisas” (ABBANANO, VISALBERGHI, 2001). Abelardo afirmava que:

Uma palavra *universal*, entretanto é aquela que é apta pela sua descoberta para ser predicada singularmente de muitos seres, tal como este nome *homem*, que se pode ligar com os nomes particulares dos homens segundo a natureza das coisas sujeitas (substâncias) às quais foi imposto. [...] Portanto, quando se afirma que o universal é aquilo que é predicado de muitos, a expressão *aquilo que*, usada no início da definição, não apenas indica a simplicidade da palavra para distingui-la das proposições, como também, a unidade do significado para distingui-la dos termos equívocos.

Com respeito à questão da ética, Abelardo enfatizava a questão da moralidade, salientando que os atos bons ou maus eram definidos pela intenção, ou seja, não era a ação física que se constituía numa ofensa a Deus, senão o aspecto psicológico que se imprimia nesta ação, ou seja, a intenção de pecar. Assim, o mestre Abelardo imprimiu na sua pedagogia um conteúdo baseado no respeito à formação do sujeito como intelectual autônomo, e justamente, critica esta concepção próxima ao sujeito moderno (CAMBI, 1999).

As vicissitudes do mestre Abelardo

Pedro Abelardo nasceu em 1070, na aldeia de Pallette, próxima da cidade de Nantes, na Bretanha e morreu em 1142, em [Chalons-sur-Saône](#). Seu pai, Berengario, cavaleiro amante das letras, era o senhor da aldeia. Sua mãe, Lucía e o pai, fizeram votos monásticos. Pedro era o filho primogênito, sua vida estava destinada à carreira militar, mas como ele mesmo explica, abandonou a Marte por Minerva, ou seja, a profissão das armas pelo saber:

⁴ Roscelino (c.1050 – c.1122) “É conhecido como o principal defensor na Idade Média do nominalismo na disputa dos universais. [...] Não foram conservados escritos completos de Roscelino, mas tem-se informação sobre suas doutrinas pelas refutações de Abelardo e de Santo Anselmo” (FERRATER MORA, 2001, p. 2551). Roscelino considerava os universais como sendo tão somente sons, ou seja, palavras e também afirmava que apenas o indivíduo possui realidade.

Meu pai foi um pouco versado nas letras antes de haver cingido o cinturão de soldado e mais tarde abraçou com tanto amor as letras que se dispôs a fazer com que nelas fossem instruídos, antes dos exercícios militares, quaisquer filhos que tivesse. E, sem dúvida, assim foi feito. Por isso, tratou com tanto mais cuidado da minha formação quanto mais me dedicava o seu afeto, uma vez que era o seu filho primogênito. Eu, na verdade, quanto mais longe e mais facilmente me adiantei nos estudos das letras, tanto mais ardentemente a elas me apeguei, e fui seduzido por um tão grande amor por elas que, abandonando aos meus irmãos a pompa da glória junto com a herança e a prerrogativa dos primogênitos, renunciei completamente à corte de Marte para ser educado no regaço de Minerva (ABELARDO, 1973, p. 250).

Assim, sendo muito jovem, deixou o castelo de seu pai visando aprofundar sua formação e viajou por várias cidades, como estudante itinerante na procura dos mestres mais renomados da época. Porém, seu espírito inquieto, curioso e instigador o levou a enfrentar vários obstáculos e disputas com seus colegas e mestres.

E, visto que eu preferi as armas dos argumentos dialéticos a todos os ensinamentos da filosofia, troquei as outras armas por essas e antepus os choques das discussões aos troféus das guerras. Por isso, perambulando, pelas diversas províncias a travar debates, onde quer que ouvisse dizer que florescesse o estudo dessa arte, tornei-me um êmulo dos peripatéticos (ABELARDO, 1973, p. 250).

Grande parte da Idade Média foi ocupada pelos debates sobre a questão dos universais. No início, tratava-se apenas de um problema de caráter lógico-gramatical. Porém, posteriormente, estendeu-se para os [problemas teológicos](#) e metafísicos e acabou envolvendo os [dogmas](#) da igreja cristã. Um dos primeiros mestres que Abelardo confrontou foi João Roscelino, o nominalista, que ensinava em Compiègne, Loches. Roscelino duvidava do [dogma trinitário](#) de deus: a única substância divina era só um nome, as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) eram três substâncias diversas, indicadas por um nome comum, mas, [Abelardo](#) refutou este pensamento. Abelardo foi um dos principais incentivadores da [lógica](#) até o século XIII, sua obra "Dialética" distinguia a [lógica](#) da [metafísica](#), dando-lhe assim autonomia.

Abelardo passou um tempo na escola do Roscelino e posteriormente se trasladou a Paris, onde havia grande efervescência cultural e intelectual, contando com renomadas escolas como a Escola da Catedral, a Escola de Ste. Geneviève, e la de St. Germain des Prés, que foram precursoras das instituições universitárias. A Escola da Catedral era a mais importante da época. Nela, Abelardo estudou dialética com o mestre Guilherme de Champeaux. Apesar da fama do mestre, Abelardo não se intimidou e começou a questionar seus ensinamentos, transformando-se em seu rival. Abelardo relata sua passagem pela escola:

Finalmente cheguei a Paris, onde essa disciplina conseguira florescer ao máximo, junto a Guilherme, a saber, o de Champeaux, meu preceptor, reputado então como o principal expoente nesse magistério, tanto pela fama como de fato. Com ele demorei algum tempo; de início fui bem aceito, mas logo depois eu lhe pareci muito incômodo quando tentei refutar algumas das suas opiniões e acometi contra ele a argumentar freqüentemente, sendo que, por vezes, eu parecia levar a melhor nas discussões (ABELARDO, 1973, p. 250).

Assim, discordando com os ensinamentos de Guilherme, tentou se estabelecer como mestre na cidade de Paris, porém sua atuação foi muito difícil. Abriu duas escolas, primeiro em Melun e depois em Corbeil. O intrépido Abelardo pretendia ser mestre, mas teve que enfrentar vários obstáculos:

Por fim, aconteceu que, presumindo do meu engenho acima das forças da idade, eu aspirava a direção de uma escola sendo ainda um adolescente, e imaginava o lugar em que realizaria esse plano, na então famosa cidade de Melun, que era sede real. Meu já mencionado mestre presentiu isso, tendo envidado esforços para afastar para bem longe de si a minha escola. Maquinou ocultamente com todos os meios de que dispôs para, antes que eu me afastasse da sua escola, prejudicar a preparação da minha e me arrebatara o lugar previsto.

Mas como entre as pessoas influentes da terra eu contava ali com alguns partidários, confiado no seu auxílio consegui quanto desejava, sendo que a inveja manifestada por ele angariou para mim a aprovação de muitas pessoas (ABELARDO, 1973, p. 251).

O mestre Abelardo ganhou fama e prestígio entre seus discípulos, alimentando o seu ego pessoal. Logo, trasladou-se para a cidade de Corbeil, nas imediações da cidade de Paris.

No entanto, em consequência desse meu tirocínio na escola, o meu nome começou a difundir-se de tal modo na arte da dialética, que não apenas a fama dos meus condiscípulos, como também a do próprio mestre, reduzida pouco a pouco, acabou por se extinguir. Daí resultou que, presumindo eu próprio cada vez mais de mim mesmo, transferisse o mais depressa possível a minha escola para Corbeil, mais próxima da cidade de Paris, para que daí certamente a minha indiscrição promovesse assaltos mais freqüentes de discussão. Não havia, porém, transcorrido muito tempo quando, por causa do ardor desconhecido pelos estudos, e atingido pela doença, fui obrigado a retornar à terra natal (ABELARDO, 1973, p. 251).

Com efeito, depois de sua estadia na França, retornou para sua terra natal, por problemas de saúde. Posteriormente, voltou a Paris para estudar retórica e novamente foi aluno de Guilherme de Chapeaux, porém, mais uma vez entrou em conflito com o mestre devido à discussão sobre o conceito dos universais:

Além de outras tentativas das nossas discussões, eu o constrangi por meio de claríssimas provas racionais a modificar, ou melhor, a destruir sua antiga sentença a respeito dos universais. Na verdade era da opinião, a respeito da comunidade dos universais, de que a mesma coisa existia essencial e, ao mesmo tempo, inteiramente em cada um dos seus indivíduos, dos quais, por certo, não havia nenhuma diversidade na essência a não ser a variedade na multiplicidade dos acidentes. Então ele corrigiu de tal modo essa sua sentença, que em seguida, afirmava que a mesma coisa existe não essencialmente, mas indiferentemente (ABELARDO, 1973, p. 251).

Quando o mestre Guilherme se retirou ao mosteiro de São Vitor, porque havia perdido prestígio por conta dos debates travados com Abelardo, a respeito dos universais, a disciplina de Guilherme foi retirada do ensino oficial. Nesse período, Abelardo que havia reiniciado suas aulas na escola de Melun, tentou ocupar a cátedra deixada pelo velho mestre, porém não teve sucesso. O sucessor de Guilherme, entusiasmado com a fama de Abelardo, convidou-lhe para ministrar a disciplina dialética, mas teve sérios problemas de relacionamento. Segundo o próprio Abelardo, sua saída deveu-se à influência negativa de seu antigo mestre que sentia muita inveja:

No entanto não é fácil exprimir como, poucos dias depois de eu aí reger a cadeira de dialética, meu mestre começou a consumir-se de inveja, e com que sofrimento se atormentava, de tal modo que, não sustentando por muito tempo o ardor da miséria que o dominara, empreendeu astutamente conseguir a minha remoção. Mas como não tinha motivo para agir contra mim abertamente, resolveu privar da escola, sob acusação de crimes detestáveis, aquele que me cedera o seu lugar de professor e que foi substituído na sua função por um outro que fora outrora meu rival (ABELARDO, 1973, p. 252).

Em 1108, Abelardo estabeleceu-se na escola de Monte de Santa Genoveva e sua fama de mestre cresceu enormemente. Posteriormente, em 1113, conseguiu ocupar a cátedra de dialética tão desejada, na Escola da Catedral, adquirindo grande renome, como mestre de dialética e retórica.

Antes de assumir a cátedra de teologia na Escola da Catedral, trasladou-se à Laon para estudar teologia com o mestre Anselmo (1033-1109), que na época era a máxima autoridade na disciplina. Mas, Abelardo o desconsiderou como mestre porque não estava preparado intelectualmente para ministrar os ensinamentos teológicos. Em suas memórias, criticava implacavelmente a incapacidade do mestre:

Então fui ter com esse velho que conquistara um grande nome mais pela sua longa prática do que pelo engenho ou pela memória. Se alguém vinha bater à sua porta, incerto, para consultá-lo sobre alguma questão, voltava mais incerto. Na verdade, parecia admirável aos olhos dos seus ouvintes mas era nulo aos olhos dos que lhe faziam perguntas. Tinha uma elocução admirável, mas era vazio de conteúdo, oco de pensamento (ABELARDO, 1973, p. 254).

Deste modo, perante a falta de interesse nos ensinamentos do mestre Anselmo, e, ainda na sua petulância de jovem que ansiava apreender novos conteúdos, Abelardo enfreou abertamente o velho mestre e o acossou da mesma forma como havia perturbado o mestre de Paris. Em consequência, Anselmo começou a perseguir-lhe:

Em consequência disso, esse velho senhor, abalado por violenta inveja e já estimulado então contra mim pelas instigações de alguns, como lembrei acima, começou a perseguir-me pelas minhas aulas sobre a ciência sagrada, não menos do que anteriormente o fizera meu Mestre Guilherme pelas de filosofia (ABELARDO, 1973, p. 255).

Entre os anos 1108 e 1118, Abelardo teve muito sucesso como mestre em Paris, foi o período mais brilhante de sua atuação, era procurado por alunos das mais distantes cidades da Europa. Efetivamente, contava com sua capacidade de oratória e desempenho intelectual para atrair os mais variados públicos, como o próprio Abelardo (1973) relata. Era eloqüente, vivaz, charmoso, com uma voz cativante, ou seja, tinha todas as condições físicas e intelectuais para encantar o auditório. Condição esta que o levou a vangloriar-se de suas capacidades e perder o gosto pela sabedoria, dando livre passo às paixões humanas:

Assim, depois de alguns dias, voltei a Paris e desfrutei por alguns anos tranquilamente da escola que, havia muito tempo, me fora destinada e oferecida e da qual eu havia sido expulso. [...] E, na verdade, essas aulas foram tão bem recebidas pelos estudantes, que já admitiam que eu não tinha menos encanto na ciência sagrada do que aquele que eles já haviam apreciado na filosófica [...].

Mas, porquanto a prosperidade sempre faz inchar os tolos, e o repouso mundano debilita o Igor da alma e facilmente o enfraquece por meio dos atrativos carnavais, quando eu já me considerava como o único filósofo eminente e não temia mais nenhuma outra inquietação comecei a afrouxar as rédeas às paixões, eu que antes vivera na maior continência. E quanto mais eu me adiantava na filosofia e na ciência sagrada, mais eu me afastava dos filósofos e dos santos pela vida impura (ABELARDO, 1973, p. 256).

Segundo Abelardo, esta atitude incongruente com sua condição de mestre fez com que rapidamente perdesse o respeito de seus colegas e discípulos, motivando sua queda repentina e trágica, como relata na suas memórias. Nesse contexto, conheceu Heloísa, sobrinha do cônego Fulberto, jovem moça que o encantou com sua beleza e admiração. A história amorosa é conhecida pelos escritos do próprio Abelardo, quem narra detalhadamente as desventuras de sua paixão pela jovem. Assim, na mencionada obra, os infortúnios do filósofo se confundem com sua reflexão dialética e recorre a diversas interpretações para explicar as circunstâncias trágicas que deram fim à história amorosa. Abelardo conta em detalhes como foi a brutal vingança do cônego, a fuga de Heloísa a Pallet, cidade em que nasceu o filho chamado Astrolábio. Fala também de seu casamento segredo, descreve a entrada da Heloísa ao monteiro de Argenteuil e seu posterior abandono da carreira acadêmica.

Ora logo que nasceu o nosso filho, depois de o ter confiado à minha irmã, voltamos ocultamente a Paris e, depois de poucos dias, tendo passado a noite numa certa igreja entregues a uma secreta vigília de orações, aí mesmo, de madrugada, estando presente o tio dela e alguns amigos seus e meus, fomos unidos pela benção nupcial. Imediatamente depois, retiramo-nos ocultamente cada um para o seu lado, e não nos vimos mais a não ser raramente e às escondidas, encobrimo com muita dissimulação o que tínhamos feito. O tio dela, porém, e seus familiares, procurando uma consolação para a sua desonra, começaram a

divulgar o matrimônio que havíamos contraído e a violar a respeito disso a palavra que me haviam empenhado. [...]

Quando me interei do que acontecia, envie-a para certa abadia de monjas, perto de Paris, chamada Argenteuil, onde ela outrora, quando menina, fora educada e instruída (ABELARDO, 1973, p. 265).

Não obstante ter divulgado o casamento secreto de Abelardo e Heloisa, o tio dela também se vingou fazendo com que Abelardo fosse atacado fisicamente e mutilado na sua casa, porque a família pensava que ele era responsável pela entrada da sobrinha ao convento:

[...] o tio dela e os seus parentes ou cúmplices acharam que eu já zombara imensamente deles e que, ao fazê-la monja, eu queria desembaraçar-me dela facilmente. Onde, profundamente indignados e mancomunados contra mim, certa noite, enquanto eu repousava e dormia num quarto retirado da minha residência, tendo corrompido com dinheiro o meu servidor, puniram-me com a vingança mais cruel e vergonhosa, e de que o mundo tomou conhecimento com o maior espanto, isto é, cortaram aquelas partes do meu corpo com as quais eu havia perpetrado a façanha que eles lamentavam (ABELARDO, 1973, p. 265).

Depois do ataque, escândalo apoderou-se da vida de Abelardo. Ele era um clérigo com ordens menores e havia tentado construir uma carreira distinta como mestre eclesiástico. Quando foi conhecido seu infortúnio, os clérigos e os discípulos tiveram compaixão de seu sofrimento, porém isto o envergonhava profundamente. Por iniciativa dos clérigos, foi para real abadia de São Dionísio para se dedicar aos estudos religiosos, virando monge beneditino. E, Heloísa tornou-se freira em Arbenteuil.

Abelardo pretendia ocultar-se definitivamente e dedicar-se a sua vida monástica, porém, novamente, entrou em conflitos com os monges da São Dionísio porque “abadia à qual eu me recolhera apresentava um estilo de vida muito profana e vergonhosa, e o seu próprio abade, quanto mais se avantajava aos outros pela dignidade, tanto mais era conhecido pela vida dissoluta e pela má reputação” (ABELARDO, 1973, p. 267). Em consequência, brigou com os monges e foi viver numa “casinhola a fim de consagrar-me da forma costumeira ao ensino” (ABELARDO, 1973, p. 267). Rapidamente suas aulas ganharam fama e foi procurado por muitos estudantes em busca de seus ensinamentos sobre filosofia:

Ali, o que era mais conveniente ao meu estado de vida, eu me aplicava grandemente ao estudo da ciência sagrada mas sem ter abandonado totalmente o ensino das artes seculares com as quais eu estivera mais habituado e que eles reclamavam bastante de mim. Fiz das artes liberais uma espécie de anzol com o qual, sob o engodo do sabor filosófico, eu os atraía ao estudo da verdadeira filosofia, tal como a *História Eclesiástica*, de Eusébio, recorda que costumava fazer Orígenes, o maior dos filósofos cristãos (ABELARDO, 1973, p. 267).

Mas, Abelardo se enfrentou com os mestres e monges que não concordavam com o estudo de livros profanos e queriam que fosse proibido de ensinar. A ruptura com os monges da Abadia de São Dionísio teve lugar quando Abelardo fez uma irreverente crítica à lenda do santo padroeiro da abadia, defendendo a tese de que para ensinar algum conceito, este deve ser entendido antes pelo mestre:

Ora aconteceu que eu me aplicasse, de início a discorrer sobre o próprio fundamento da nossa fé por meio de analogias propostas pela razão humana, e que eu compusesse para os meus alunos um tratado *Sobre a Unidade e a Trindade de Deus*. Eles me pediam argumentos humanos e filosóficos, e insistiam mais naqueles que pudessem ser entendidos do que proferidos, dizendo ser supérflua a prolação de palavras em a compreensão das mesmas, e que não se pode crer naquilo que antes não se entendeu, e que é ridículo alguém pregar aos outros o que nem ele próprio nem aqueles que ensina podem compreender com o intelecto (ABELARDO, 1973, p. 268).

Por conta desta crítica, foi enviado para uma instituição filial e inquirido em várias oportunidades para explicar o que havia escrito no seu livro, além de ser questionado pelo que ensinava. Mas, apesar dos ataques sofridos, de novo, chamou a atenção das pessoas por seu pensamento. Abelardo reiniciou sua disputa histórica com os discípulos de Anselmo e de Guilherme, conhecidos como Alberico e Lotulfo, que atacaram a doutrina sobre a Santíssima Trindade defendida por Abelardo no seu livro. Seus adversários contribuíram também para convocar em 1121, um concílio presidido por Canão, bispo de Preneste em Soisson,

Abelardo não foi condenado formalmente por suas doutrinas, pelo Concílio, porém foi obrigado a queimar o livro sobre a Trindade e a recitar o Credo de Atanásio, sendo humilhado publicamente. Abelardo (1973, p. 274) relata esse episódio:

Depois disso, convocado para o concílio, compareci imediatamente, e sem nenhum exame ou discussão, obrigaram-me a lançar ao fogo, com minha própria mão, o meu livro, que assim foi queimado. [...]

Todavia, quando eu me levantei para professar e expor a minha fé, a fim de exprimir o que eu sentia, com palavras próprias, meus adversários disseram que eu não precisava de outra coisa senão recitar o símbolo de Atanásio, o que qualquer criança poderia fazer igualmente. E para que eu não alegasse uma desculpa por ignorância, como se eu não estivesse acostumado com aquelas palavras, fizeram trazer o texto para que eu o lesse. Eu o fiz, em meio a suspiros, soluções e lágrimas, do modo que meu foi possível. Em seguida, entregue, como se fosse um réu e um convicto, ao abade de São Medardo, que estava presente, fui arrastado para o seu claustro como para um cárcere, e imediatamente o concílio foi dissolvido.

Na sua estadia na abadia de Medardo, no início foi muito bem tratado, embora, Abelardo se encontrava muito envergonhado porque estava privado de sua liberdade. Posteriormente, foi enviado novamente para o monastério de Dionísio, porém ali enfrentou terríveis hostilidades de seus antigos inimigos. Passados alguns meses, confrontou com os monges, quando descobriu o texto de Beda *Comentário dos Atos dos Apóstolos*, que explicava que Dionísio, o Areopagita, foi bispo de Corinto e não de Atenas. Este descobrimento irritou os membros da abadia, porque eles se “... vangloriavam de que o seu Dionísio (fundador de monastério) era o Areopagita e que a história dele indicava haver sido bispo de Atenas” (ABELARDO, 1973, 275). Os monges acusaram Beda de mentiroso, e ficaram enfurecidos com Abelardo porque este defendia a autoridade de Beda, dado que seus escritos eram seguidos por todas as igrejas latinas. Abelardo foi ameaçado e temeroso fugiu do local, refugiando-se num local deserto nas proximidades de Troyes. Novamente, começou a receber inúmeros alunos, retomando a fama de antanho. No local, foram construídas cabanas para alojar os viajantes, foi construído um oratório, denominado Paráclito.

Com a morte de Adam, o abade de São Dionísio, seu sucessor Suger ([1081-1151](#)), absolveu Abelardo e levantou sua censura, além de restaurar seu status de monge. Em 1125, foi escolhido para assumir o cargo de abade, na abadia de Sait-Gildas-de-Rhuis, situada perto de Vannes, na costa da Bretanha. Porém, sua vida nesta instituição foi muito tumultuada, era incomodado pelos monges da instituição e fora dela era atacado pelo senhor feudal que dominava a região.

Sua esposa também sofreu perseguição. O abade de São Dionísio, que reclamava a propriedade da abadia de Argenteuil, expulsou Heloísa. Abelardo alojou sua esposa definitivamente no seu Oratório do Paráclito, no qual chegou a ser Abadessa. Como abade de Sait-Gildas-de-Rhuis, Abelardo enfrentou resistências entre os monges porque era considerado muito rígido, inclusive, tramaram envenenar-lhe, e acabou abandonando a abadia. Conservando o título de abade, morou um tempo nas mediações de Nantes e depois retomou sua carreira de mestre em Paris, teve muito sucesso com suas lições, atraindo todos os jovens intelectuais de Europa.

No período que morou em Paris, novamente enfrentou a ira de Bernardo de Claraval (1090-1153), devido à sua doutrina. Com efeito, Abelardo, foi um dos primeiros escolásticos que havia dado início a dialética e considerava que era necessário buscar os fundamentos da Fé, com base na razão humana, argumentava:

Na verdade a primeira chave da sabedoria define-se como uma assídua ou freqüente interrogação, para a qual Aristóteles, o filósofo mais perspicaz de todos, exorta os letrados a apoderarem-se com todo o desejo, quanto diz, a propósito do predicamento da “relação”: “É talvez difícil, nestes casos, fazer afirmações positivas a não ser que os examinemos constantemente. Mas não será inútil duvidar de cada um [...]. De fato, da dúvida chega-se à interrogação e a partir desta captamos a verdade, segundo o que a própria Verdade diz: “Procurai e achareis, batei e abri-vos-a” [MT. 7,7] (ABELARDO, 1994, p. 178).

Em 1139, as idéias de Abelardo foram rejeitadas. Guilherme de Saint-Thierry (1085-1148) destacou 19 proposições consideradas heréticas e Bernardo as remitiu a Roma para sua condenação. Bernardo estava horrorizado pela ortodoxia dos ensinamentos de Abelardo e questionou a sua doutrina da Trindade, denunciando-lhe aos bispos da França. Abelardo subestimando tal denúncia, solicitou uma reunião, ou seja, um concílio de bispos, no qual Bernardo e ele disputariam suas idéias. Abelardo foi condenado em 1141, no concílio de Sens por heresia e obrigado a se manter em silêncio. Na véspera do concílio, realizaram uma reunião de bispos, na qual esteve Bernardo, sem a presença de Abelardo. Nesta reunião, foram selecionadas algumas preposições escritas por Abelardo e ele foi condenado. No outro dia foram lidas as proposições, no concílio, na presença de Abelardo, que não se defendeu, porém manteve sua liberdade.

Bernardo escreveu para os membros da Igreja romana um documento informando do resultado da reunião. Na Carta a Inocêncio II –Contra erros de Pedro Abelardo - refutou os supostos erros, dado que considerava que a fé só deve ser aceita. Assim, Abelardo iniciou uma viagem a Roma para apelar ao Papa, porém ficou doente e só conseguiu chegar até a cidade de Cluny. Lá, recebeu o decreto de Inocêncio II que confirmava a sentença do Concílio de Sens. Nessa cidade, recebeu o apoio de Pedro o Venerável (1122-1155), que obteve de Roma uma mitigação da sentença e também contribuiu para que se reconciliasse com Sam Bernardo (SANTOS DIAS, 2006, p. 171). Abelardo passou os últimos anos de sua vida, na cidade Cluny, tornou-se monge e foi mestre do monastério de Cluny. Finalmente, em 1142, morreu em [Chalons-sur-Saône](#), sendo enterrado em Paráclito. Em 1817, os restos dele e de Heloisa foram trasladados ao Cemitério de Péro La Chaise, em Paris.

Enfim, Abelardo teve um papel importante no processo de renovação pedagógica durante a Idade Média, foi um filósofo e educador que enfrentou e questionou a filosofia de seu tempo, visava à formação do ser humano e colocava em evidência as limitações do sujeito no seu relacionamento com o mundo. Aprofundou o método dialético, baseado no princípio pedagógico de expor os prós e contras de cada questão, para chegar ao conhecimento filosófico. Propunha a utilização da razão para explicar os mistérios da Fé, apesar de que não chegou a questionar as raízes da teologia católica. Sua atuação e fama, como mestre, contribuíram para a criação da Universidade de Paris.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N., V. A. **História de la Pedagogia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABELARDO, P. **A História das minhas calamidades**. São Paulo: Abril, 1973.
- _____. **Lógica para principiantes**. São Paulo: Abril, 1973.
- BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- DUBY, G. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FERRATER MORAL, J. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HOBBSAWN, E. Do capitalismo ao feudalismo. In. SWEEZY Paul M. et alli. **Do feudalismo ao capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

LUZUIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

SANTOS DIAS, C. E. Pedro Abelardo – Confessio Fidei Universis. **Veritas**, Porto Alegre, v. 51, n. 3, p. 169-181, setembro 2006.